



**O DIA  
da Crucificação  
e da Ressurreição  
de Jesus**

**AUTOR: URLAH SMITH**

## **O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus**

**ÍNDICE**

<b>1. POR QUANTO TEMPO CRISTO PERMANECEU NA SEPULTURA?</b>	<b>4</b>
<b>2. TRÊS DIAS E TRÊS NOITES</b>	<b>5</b>
<b>3. OS DISCÍPULOS PODIAM CONTAR ATÉ TRÊS?</b>	<b>8</b>
<b>4. NO CORAÇÃO DA TERRA</b>	<b>11</b>
<b>5. CRISTO ENTREGUE NAS MÃOS DE HOMENS ÍMPIOS.</b>	<b>17</b>
<b>6. DOIS OUTROS ABSURDOS</b>	<b>24</b>
<b>7. ARGUMENTO DOS TIPOS</b>	<b>33</b>

Por Urias Smith

### **1. POR QUANTO TEMPO CRISTO PERMANECEU NA SEPULTURA?**

AS PERGUNTAS, em que dia foi Cristo crucificado? Quanto tempo ficou na sepultura? e em que dia que Ele ressuscitou dentre os mortos? São perguntas que, naturalmente, despertam o interesse e o estudo de cada estudante cristão. São perguntas que têm uma relação íntima com outros temas, e sobre que, portanto, é importante que opiniões corretas sejam mantidas. É motivo de pesar que sentimentos estejam sendo exaltados sobre esses pontos, e, aparentemente, promovidos com especial empenho no tempo atual, o que não constituem somente ideias falsas em si, mas tendo o objetivo calculado de provocar imenso mal à causa do sábado.

Os pontos de vista a que nos referimos são: 1. Que Cristo esteve na sepultura por setenta e duas horas completas, por ser dito que Ele estaria "no coração da terra por três dias e três noites", e 2. Que Ele foi conseqüentemente sepultado no final da quarta-feira, e ressuscitou no fim do dia de sábado, ou um pouco antes do primeiro dia da semana começar.

Contra esta posição, apresentamos três contestações:

1. É fundamentada em pressuposto injustificado.
2. É promovida para prejudicar, ao invés de ajudar, a causa do sábado.
3. É contrária às Escrituras.

1. Baseia-se em suposição. O texto a que primeiro se apela é a declaração solitária encontrada em Mat.12: 40. "Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra". A declaração em Jonas a que alusão é feita é simplesmente esta: "E Jonas esteve no ventre do peixe três dias e três noites". Jonas 1:17.

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

Como isso prova que o Salvador estaria jazendo na sepultura por setenta e duas horas?" "Ora", é respondido, "a expressão, 'três dias e três noites', significa apenas setenta e duas horas, nem mais, nem menos, pois, como um dia e uma noite abarcam 24 horas, três dias e três noites seriam três vezes 24 horas, ou seja, setenta e duas horas; e, em segundo lugar, a expressão, 'o coração da terra', onde o Salvador deveria estar por três dias e três noites, significa a sepultura. Portanto, Cristo permaneceu no sepulcro por setenta e duas horas."

## 2. TRÊS DIAS E TRÊS NOITES

Com referência à primeira parte desta resposta perguntamos: Onde está a prova de que a expressão "três dias e três noites" significa apenas setenta e duas horas, e nunca menos? A resposta é: "Isso é o que qualquer um entenderia pela linguagem do tempo atual". Sim, mas o que entendemos por tal linguagem agora não tem nada a ver com a questão. O que se tem de saber é: O que se entendia por tal expressão quando o Novo Testamento foi escrito? Em que sentido a empregavam? Qual era o *usus loquendi* daquela época? Se pudermos nos certificar disso, então podemos dizer que significado devemos atribuir à expressão no Novo Testamento, por mais que o sentido em que ela é usada possa ter mudado entre aquele tempo e o nosso.

Facilmente encontramos testemunhos para mostrar que as expressões, "três dias", "depois de três dias", "três dias, noite ou dia", eram usadas pelos escritores da Bíblia como expressões nem sempre significando um período que começa com o primeiro minuto do primeiro dia, e chega ao último minuto do terceiro, mas toma apenas uma porção do primeiro e do terceiro, incluindo, evidentemente, a totalidade do segundo. Assim, podemos ler em Gên. 42:17 que José colocou seus irmãos na prisão por *três dias*. Aqui, a palavra "dia" é usada em seu sentido amplo, abrangendo a parte escura, bem como a clara. É o mesmo que se expressaria quanto a colocá-los em prisão por três dias e três noites, pois se subdividirmos o dia em suas partes clara e escura, levaria três de cada uma das partes para fazer os três dias, e a expressão "três dias" incluirá todas essas partes. Mas no *terceiro dia*, provavelmente na parte da manhã daquele dia, José fez uma

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

proposta a eles que aceitaram, e os sacos foram cheios de grão, e eles partiram em sua viagem, que naturalmente levaria a maior parte da metade clara do dia. Agora, é preciso ser mostrado que Jonas e Mateus usaram a expressão respeitando os três dias num sentido diferente daquele em que o escritor do livro de Gênesis empregou, ou deve-se admitir que essa expressão *não* significa setenta e duas horas completas.

Novamente em 1 Reis 12:5 temos um registro do que disse Jeroboão ao povo, com estas palavras: "Ide-vos até ao terceiro dia, e então voltai a mim". Isso indicaria um período definido de apenas três dias, se devemos interpretá-lo com a ultra rigidez dos críticos modernos, mas em 2 Crô. 10:5, a mesma expressão é dada da seguinte forma: "E ele lhes disse: Daqui a três dias voltai a mim. Então o povo se foi". Contudo, em ambos os registros (1 Reis 12:12, e 2 Crô.10:12) afirma-se que, de acordo com esse arranjo, o povo voltaria ao terceiro dia:" Veio, pois, Jeroboão, e todo o povo, *ao terceiro dia*, a Roboão, como o rei havia ordenado, dizendo: Voltai a mim ao terceiro dia".

Este testemunho mostra que as frases "três dias", "depois de três dias", e "ao terceiro dia", são empregadas como expressões sinônimas. Um breve tratado foi publicado pelo Pastor N. Wardner, intitulado *Prophecy of Christ Concerning his Burial and Resurrection* [A profecia de Cristo a respeito de sua morte e ressurreição], em que afirma que é um método muito superficial de interpretação afirmar que "três dias e três noites" significa um período que terminará no terceiro dia; e tenta recorrer a tais passagens como as que temos agora diante de nós, simplesmente observando, "nenhuma noite é mencionada". De fato! Que possível diferença isso pode fazer? Não é a palavra "dia" aqui utilizada em seu sentido amplo, incluindo tanto a parte clara quanto a escura, e "três dias" não incluiria "três" dessas partes? Com toda certeza, a palavra é assim utilizada; e a expressão em cada um dos casos referidos, é, portanto, exatamente o equivalente a "três dias e três noites".

Em Est. 4:16 e 5:1 encontramos uma expressão ainda mais intrigante para os que negam que era costume dos tempos judaicos e do povo judeu usar a expressão "três dias e três noites" no sentido de um período que termina no terceiro dia, e não abarca setenta e duas horas completas. Os versos referidos declaram que Ester pediu aos judeus para jejuarem com ela por três dias. Ela

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

disse: "jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem *de dia nem de noite*". Ela acrescentou: "Eu e as minhas servas também assim jejuaremos"; isto é, três dias, dia e noite. Seria esta passagem mais forte se dissesse "três dias e três noites?" Qualquer um pode ver que isso é apenas o mesmo que dizer, "três dias e três noites". O Sr. W. tenta contornar isto dizendo: "Mas o número de noites não é declarado [!], e a declaração não requer mais do que dois, dependendo do tempo do dia em que começou o jejum". Mas submetemos ao leitor sincero se o adjetivo numeral "três" não cobre ambos os membros da cláusula distributiva, bem como um, assim, "três dias", daí dividindo-os em partes claras e escuras "de dia nem de noite", quantas dessas partes seriam requeridas para compor os três dias? Quantas partes claras -- dias -- quantas partes escuras -- noites? É claro que o mesmo número, *três*. Mas o Sr. W. quer nos fazer ler algo mais depois desta forma de linguagem: "Três dias, *noite ou dia*, ou seja, *três dias e* -- bem, vejamos, *duas noites*, isso é suficiente para isso". Parece-lhe coerente torcer a Palavra de Deus, alterando arbitrariamente o termo "três" na primeira parte da frase, em "dois" num membro da última parte; mas assim não nos parece. Sua conclusão a respeito da passagem é: "*Não faz paralelo com a declaração, 'três dias e três noites'*". Para tornar esta afirmação verdadeira, a palavra "não" deve ser removida, e os itálicos transferido para a palavra "é", de forma a fazê-la dizer: "*É paralela à declaração 'três dias e três noites'*". Assim, depois de Ester empregar o equivalente da expressão "três dias e três noites", durante que estavam em jejum por ela, o registro diz que no *terceiro* dia a rainha Ester entrou na presença do rei, e obteve o seu pedido.

Deve-se notar que a exposição desta passagem pelo Sr. W. destrói sua reivindicação com base em Mat.12:40, pois admite que três porções claras do dia estão aqui especificadas com clareza, contudo, *na terceira* dessas divisões, Ester dirigiu-se ao rei. Portanto, a expressão "três dias", não inclui a totalidade do tempo abrangido nestes dias, mas apenas o primeiro e o segundo, e uma porção do terceiro. Agora, se a expressão "três dias", aplicada explicitamente a essas divisões das partes claras, pode significar apenas duas, e uma parte da terceira, por paridade de raciocínio a expressão "três noites", aplicada às partes escuras, pode significar apenas duas e uma parte da terceira, e a expressão "três dias e três noites" pode ser utilizada sem significar absolutamente setenta e duas horas.

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

Há nove passagens que declaram que Cristo iria ressurgir "ao terceiro dia", como Mat. 16:21, 17:23, 20:19, etc.; uma de que ressuscitou "ao terceiro dia" (Atos 10:40), e duas de que Ele se ergueu "depois de três dias". Mat.27: 63, Mar. 8:31. Esta referência frequente ao "terceiro dia" sugere a pergunta: -

### 3. OS DISCÍPULOS PODIAM CONTAR ATÉ TRÊS?

pois eles nos localizaram este "terceiro" dia. Os dois discípulos a caminho de Emaús, depois da ressurreição de Cristo (Lucas 24:21), disseram: "Hoje é o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram". E esse dia é especialmente indicado como "o primeiro dia da semana". Versos 1, 13. Aqui temos uma balizagem simples e imutável para nos guiar em nosso cálculo, o primeiro dia da semana era o *terceiro dia*, -- uma observação evidentemente levantada aqui com o propósito de identificar o cumprimento das várias previsões de que Ele deveria ressurgir ao terceiro dia.

Mas a partir de que eventos eles iniciam a sua enumeração? Quanto estava abrangido em "estas coisas"? O verso 20 responde. Depois de afirmar que tipo de pessoa era Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras, eles começam a enumeração das "coisas" a que se referem. E dizem: "E como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes O entregaram à condenação de morte, e O crucificaram. E nós esperávamos que fosse Ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram".

"Essas coisas" certamente incluem o julgamento de Cristo, bem como a crucificação, e o primeiro dia da semana era o terceiro dia desde que essa obra começou. Vamos, então, contar para trás e definir o começo. Se o primeiro dia da semana era o *terceiro dia* desde que essas coisas aconteceram, o dia anterior, ou sábado, foi o *segundo*, e o dia anterior, ou sexta-feira, foi o *primeiro*. Mas se, por causa da palavra "desde", alguém pode alegar que devemos voltar ainda mais longe, podemos voltar apenas mais um dia, o que nos levaria a quinta-feira, e este ponto é o mais longe quanto possível de se ir; e isso, também, para o julgamento de Cristo, e não apenas para a sua crucificação.

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

Esta circunstância e esta declaração positiva dos discípulos evidentemente fazem cambalear o Sr. Wardner em seu argumento. Ele as defronta dizendo: "É apropriado tomar uma observação incidental de um homem *não inspirado*, fazendo-a superar e pôr de parte uma declaração cuidadosamente escrita por um escritor *inspirado*"? Isso suscita novamente a nossa pergunta: "os discípulos podiam contar até três?" Não imaginamos que requereria uma grande dose de "*inspiração*" capacitar os discípulos, sob suas circunstâncias, a manterem a contagem, de três ou quatro dias pelo menos, após a crucificação; e cremos que eles declararam com exata correção, e Cristo não os acusou de errarem na contagem. Nenhum autor inspirado, como veremos, preparou qualquer cuidadosa declaração escrita que contradiga isso.

Não satisfeito em deixar a questão neste ponto, o Sr. W. vai à caça ao redor para encontrar algum "item de destaque" a partir do qual eles poderiam ter feito a contagem e correções sobre a configuração do relógio no sepulcro como o grande desiderato. Ele diz:

"Daí a configuração do relógio naturalmente seria um item de destaque entre '*todas essas coisas*' sobre que estavam falando; e esse foi o terceiro dia após isso"!

Quanto peso isto tem pode ser estimado através de nova leitura das palavras dos discípulos de Cristo, que não proferem *uma palavra* sobre a configuração do relógio, mas se demoram sobre o julgamento e a crucificação. Uma posição que leva seus adeptos a tais artifícios de tentar desacreditar a declaração dos discípulos, por eles não serem *inspirados* (como se não pudessem manter a contagem de tempo para três dias) e, em seguida, criar um ponto de partida artificial a partir do qual fazer a contagem, sobre que os discípulos não fazem qualquer menção que seja, revela suficientemente sua inerente fraqueza.

Temos dois exemplos notáveis que nos mostram como Cristo e os apóstolos contaram o "terceiro dia". Quando se temia que Herodes estivesse planejando a destruição de Jesus, e se desejou que Se retirasse da jurisdição de Herodes, Ele assim reagiu: "Ide dizer a essa raposa: Eis que eu expulso demônios, e faço curas hoje e amanhã, e no terceiro dia serei consumado". Lucas 13:32. Aqui, o dia em curso quando a conversa foi realizada, embora uma parte dele tivesse naturalmente passado, foi contado como *um*, o

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

dia de amanhã como *dois*, e no terceiro dia após o dia de amanhã, como *três*.

Novamente em Atos 27:18, 19, Paulo, relatando o seu naufrágio, diz: "E, andando nós agitados por uma veemente tempestade, no dia seguinte aliviaram o navio. E ao terceiro dia nós mesmos, com as nossas próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio". Aqui também o dia em que o evento mencionado pela primeira vez ocorreu é contado como o primeiro, o dia seguinte como o segundo e o próximo, o terceiro.

Aplicando a mesma regra para a hora da morte e ressurreição de Cristo, temos o dia em que os eventos mencionados em primeiro lugar ocorreram, o julgamento e a crucificação de Cristo, como o primeiro dia da série, o dia que Ele passou no túmulo como o segundo dia, e o dia em que Se ergueu dos mortos e apareceu aos discípulos, o terceiro dia. Nesse período as pessoas da época estavam acostumadas a falar em termos de "três dias", "depois de três dias", o "terceiro dia", "três dias, noite ou dia", "três dias e três noites", como é claramente demonstrado pelas passagens já mencionadas. O Pastor W. pode, se quiser, chamar o método pelo qual Cristo e Seus apóstolos calculavam o tempo como uma "interpretação superficial". Nós não consideramos assim. Mas fosse assim ou não, nosso dever é seguir a mesma regra quando interpretando as Suas palavras.

Uma parte da nossa primeira proposição (ou seja, de que a visão de que Cristo foi crucificado na quarta-feira e ressuscitou no sábado, baseia-se em suposição) agora está provada. A alegação de que a expressão "três dias e três noites", significa apenas setenta e duas horas, nem mais, nem menos, é uma suposição. Não pode ser comprovada. Toda a evidência mostra que isso significa, ou pelo menos pode significar, um período de menos do que isso; pois o emprego de expressões equivalentes nas Escrituras demonstra que era costume dos escritores da Bíblia usar a frase "três dias e três noites" para significar um período de menos de setenta e duas horas, e o fato de que eles assim o empregavam destrói completamente a noção de que Cristo deve ter jazido no túmulo ao todo setenta e duas horas.

A outra perna da teoria de setenta e duas horas, ou seja, de que a expressão "coração da terra" significa a sepultura, é uma hipótese igualmente injustificada. Se não significa isso, então a

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

estrutura construída sobre o seu texto-prova principal (Mat.12:40) sofre um colapso total. Se “três dias e três noites” não significa setenta e duas horas, como temos demonstrado, e “coração da terra” não significa a sepultura, como vamos demonstrar, que base resta para a teoria de setenta e duas horas? – Nenhuma, em absoluto. Mas perguntamos: Onde está a prova de que “coração da terra” significa “sepultura”? Temos, repetidas vezes, apelado a provas sobre este ponto, mas ainda não conseguimos obter qualquer resposta. Temos cuidadosamente pesquisado uma dúzia de argumentos sobre esse lado da questão, e não é a primeira tentativa de encontrar provas de que “coração da terra” significa uma “sepultura”. A tranquila garantia com que todos esses escritores tomam esse ponto como assegurado, a indiferença imperturbável e alheamento com que o passam por alto é surpreendente. O que pode ser dito para despertar em suas mentes a ideia de que aqui há um ponto que deve ser *provado*, antes que a sua teoria permaneça em pé?

### 4. NO CORAÇÃO DA TERRA

A expressão “no coração da terra”, não tem mais referência para a sepultura do que para a lua.

A palavra “coração” significa basicamente o órgão através da qual a circulação do sangue é mantida no corpo. Claro que não é usada aqui nesse sentido, nem em seu sentido secundário de “sede dos afetos”; nem ainda em seu terceiro significado, como “a parte mais próxima do centro”, como o “coração de uma árvore”, o “coração de um país”, etc., pois Cristo não foi enterrado no centro da terra. Evidentemente, o sentido em que é usada é um figurativo, mas o que há sobre o túmulo para fazer dessa figura apropriada ou a ele aplicada? - Nada que seja. Mas se o coração da terra não significa a sepultura, então, mesmo se três dias e três noites significasse absolutamente setenta e duas horas não se provaria que Cristo devia permanecer no túmulo esse período de tempo. Estes são os dois principais pilares da teoria das setenta e duas horas, e ambos são suposições.

Que este entendimento tem sido adotado pelos poucos que o mantêm com um bom motivo, não temos nenhuma dúvida. Pareceu-lhes um golpe magistral na política de destruir o erro de

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

domingo num só golpe. Dizem, "se a premissa principal e fundamental dos advogados do domingo – 'Jesus ressuscitou no domingo' -- parece incerta, ou falsa, então todos os argumentos, premissas e conclusões dos defensores do domingo ficam arruinados de uma só vez. Substitui a necessidade, de nossa parte, de segui-los através de todos os seus argumentos e pressupostos, etc., e obriga-os a reconhecer que a arma que têm em suas mãos é apenas uma ilusão".

Isso seria verdadeiro apenas com uma condição, qual seja, que os observadores do domingo *reconheçam que a posição do observador do sábado está correta*, que Cristo não ressuscitou no domingo. Mas isso simplesmente é o que *ele não vai fazer*, e o que o observador do sábado *não pode provar*. Então, que vantagem é obtida?

Vamos imaginar uma tentativa de confrontar um observador do domingo no seu campo. O observador do domingo diz: "Observo o domingo porque o Senhor ressuscitou dos mortos nesse dia". O observador do sábado responde que ele está errado em observá-lo por tal motivo, porque Cristo não ressurgiu dos mortos em tal dia. Ele deve ter Se levantado dos mortos na véspera do primeiro dia porque foi colocado no túmulo perto do fim de um dia, e devia permanecer no coração da terra por três dias e três noites, exatamente setenta e duas horas, portanto, a Sua ressurreição deve ter ocorrido por volta do fim do sábado, e não no domingo, em absoluto. E Sua crucificação foi na quarta-feira anterior. O observador do domingo lhe pede para provar que a expressão "três dias e três noites" significa tão-só setenta e duas horas, confinando a ressurreição até ao fim do dia, e que o "coração da terra" significa a "sepultura".

Ao levantar estas questões, o ponto da controvérsia é imediatamente transferido da questão do sábado propriamente dita para o tempo da ressurreição de Cristo. E realizar essa manobra é uma confissão virtual de que a ressurreição de Cristo tem uma influência decisiva sobre a questão de saber que dia é o sábado; mas isso é totalmente falso; não tem relação com a questão do sábado de forma nenhuma; o observador do sábado toma sobre si proposições que são impossíveis de provar, e o observador do domingo fica em terreno mais vantajoso. Essa é a posição em que se coloca uma pessoa que se compromete a lidar com a questão

## **O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus**

domingo por essa linha de argumentação. O observador do domingo se retira do campo triunfante, confirmado em sua convicção de que a ressurreição de Cristo determina o dia de descanso sabático, e esse dia é domingo. Portanto, inevitavelmente prova-se um dano, ao invés de uma ajuda, para a causa do sábado. Esta é a segunda acusação que temos contra esse entendimento.

Creemos ser reconhecido como um princípio adequado em todas as discussões ir o mais longe quanto seja possível com um adversário, reduzindo a questão em proporções de menor extensão e com menos pormenores quanto praticável, pois desse modo pontos pendentes podem ser resolvidos da forma mais rápida e satisfatória. Mas a teoria de setenta e duas horas aumenta, em vez de diminuir, o terreno da discussão, e isso também sobre uma questão para a qual não há fundamento algum. Quando o observador do domingo afirma a instituição do primeiro dia sobre o fato da ressurreição de Cristo no mesmo dia, conceda-se-lhe a sua suposta verdade, mesmo que apenas para efeito de argumento, e, em seguida, seja-lhe mostrado que isso não tem o mais remoto peso sobre a questão de qual dia é o sábado, e não oferece qualquer base para a observância do primeiro dia da semana. E isso pode ser feito mil vezes mais facilmente do que o observador do domingo médio ser convencido de que Cristo não ressuscitou no primeiro dia da semana, e o objetivo desejado seria tão totalmente conquistado por este método como pelo outro. Sob essas circunstâncias, por que tomar o lado inviável?

Antes de prosseguir com o testemunho direto das Escrituras sobre o assunto diante de nós, alguns pensamentos sobre essa frase peculiar "o coração da terra", seriam adequados. Já fiz notar algumas coisas às quais não podem se referir. Vamos agora considerar o que isso pode significar. Aqui se apresenta para se ter cuidadosamente em mente que a comparação é entre a experiência de Jonas e a de Cristo. Jonas ficou por um tempo numa condição que ilustra aquela a que Cristo por um tempo esteve submetido. E que parte da experiência de Jonas é tomada? - O momento em que esteve dentro do grande peixe, pelo qual foi ingerido. Sua condição, então, representava a Cristo "no coração da terra". O ponto para se inquirir, então, é, O que no caso de Jonas correspondeu ao "coração da terra", no caso de Cristo? A resposta é: O peixe vivo que apanhou ativamente a Jonas em seu próprio

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

poder, e sob cujo controle ele esteve até que foi lançado fora, sobre a terra seca. Jonas não esteve no fundo do mar, nem foi deixado em alguma caverna submarina, nem na terra seca em qualquer parte, mas estava num monstro vivo que o carregou para onde quis. Assim, quando Cristo esteve sob condição correspondente, "no coração da terra", devemos considerá-Lo não meramente no abraço da tumba sem vida, a sepultura inerte, mas sob o domínio de algum poder vivo. Não devemos fazer violência à comparação; o peixe vivo não é símbolo adequado para a sepultura. Mas será indagado, não Se refere Cristo ao tempo em que estaria na sepultura? Esse tempo, logicamente, está incluído; mas essa não é a condição a que Ele especificamente Se referiu. Ele não esteve no coração da terra porque esteve na sepultura; mas esteve na sepultura incidentalmente, porque estava no coração da terra; isto é, estava sob o controle de um poder que o pôs na sepultura – um poder correspondente ao peixe vivo que engoliu Jonas.

Será admitido por todos que a expressão "o coração da terra", é figurada, porque não há qualquer sentido literal em que se faça tal aplicação. Agora, tomado em sentido figurado, em que sentido é a palavra "terra" mais utilizada nas Escrituras? - É utilizada no sentido de representar os habitantes da Terra. Está assim empregada em Apo. 12:16: "E a terra ajudou a mulher"; também em Isa.1:2: "Dá ouvidos, ó terra", e em Jer. 22:29: "Ó terra, terra, terra, ouvi a palavra do Senhor". Aqui a palavra é usada para designar os ímpios habitantes da Terra. Satanás é o deus deste mundo, o cabeça de suas multidões dominantes que constituem os filhos do maligno. Nas mãos destes o Filho do homem devia ser entregue por um tempo. Cristo muitas vezes dá destaque especial a essa condição: "O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens". Mat. 17:22. "O Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores". Mat. 26:45. E é esse o sentido que entendemos ao Ele declarar que deveria estar "no coração da terra", isto é, sob o total controle e poder de homens e demônios maus, para que pudessem realizar os maus desejos de seus corações a respeito Dele. E quando Ele lhe foi assim entregue, declarou explicitamente: "*Esta é a vossa hora e o poder das trevas*". Lucas 22:53.

Em nove casos em que é declarado que Ele ressuscitará ao terceiro dia, a traição, julgamento e crucificação são especificados como incluídos nos eventos a ocorrer durante os três dias; e desde

## **O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus**

o primeiro deles, e não a partir do sepultamento, é que o período deve ser contado. Assim: -

Mat. 16:21: "Desde então, começou Jesus Cristo a mostrar aos Seus discípulos que convinha ir a Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitar ao terceiro dia".

Mat. 17:22, 23 : "O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens; e matá-Lo-ão, e ao terceiro dia ressuscitará".

Mat. 20:18, 19: "O Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-Lo-ão à morte. E O entregarão aos gentios para que Dele escarneçam, e O açoitem e crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará".

Mar. 9:31: O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, e matá-Lo-ão; e, morto ele, ressuscitará ao terceiro dia".

Mar. 10:33, 34: "O Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e O condenarão à morte, e O entregarão aos gentios. E O escarnecerão, e açoitarão, e cuspirão Nele, e O matarão; e, ao terceiro dia, ressuscitará".

Luc. 18:32, 33: "Pois há de ser entregue aos gentios, e escarnecido, injuriado e cuspidos; e, havendo-O açoitado, O matarão; e ao terceiro dia ressuscitará".

Luc. 24:7: "Convém que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite".

Luc. 24:20, 21: "E como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes O entregaram à condenação de morte, e O crucificaram. E nós esperávamos que fosse Ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram".

Luc. 24:46: "Assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos".

Em todas estas passagens será notado que o ser Ele entregue "nas mãos dos homens", "nas mãos dos gentios", e "nas mãos dos

## **O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus**

pecadores”, faz-se igualmente proeminente com os outros eventos, e o julgamento e condenação e crucificação estão inseparavelmente ligados à ressurreição, sendo tudo abrangido pelos três dias. Durante todo esse tempo Ele estava “no coração da terra” – isto é, sob o domínio de homens pecadores. Essa ideia corresponde muito melhor ao caso de Jonas. Ele esteve no estômago do peixe, sob o controle de um monstro vivo, não enterrado na terra morta; assim Cristo estava sob a dominação dos homens vivos e demônios. Ele não esteve mais no coração da terra quando na sepultura do que ele esteve quando pendurado na cruz, não mais no coração da terra quando no túmulo do que esteve quando a multidão tinha assegurado real controle sobre Ele, depois de sua traição por Judas.

Calculando a partir deste ponto de vista, quanto tempo temos? Perto do fim da quinta-feira Ele se preparava para comer a Páscoa com os seus discípulos. Na noite seguinte (quinta-feira como hoje definiríamos, sexta-feira, ou sexto dia, sendo então noite), Judas e sua multidão saiu com tochas e espadas e varapaus, e Ele foi entregue nas suas mãos. Tudo naquela noite e no dia seguinte, até a terceira hora, estava ocupado com o julgamento, a partir da terceira à nona hora, com a crucificação. A partir de cerca da hora nona até o início do sétimo dia, o sepultamento foi providenciado. Toda aquela noite, o dia seguinte e a noite seguinte foram passados por Ele no túmulo. Logo no início da manhã do primeiro dia da semana, Ele se ergueu da tumba. Isso nos dá três noites completas, dois dias inteiros, e uma parte do terceiro dia, tornando estritamente verdade que ao *terceiro dia* Ele Se ergueu dos mortos.

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

O diagrama a seguir ilustra esses pontos : -

### 5. CRISTO ENTREGUE NAS MÃOS DE HOMENS ÍMPIOS.

#### “Sua Hora e o Poder das Trevas”

6a. FEIRA 1º dos 3 dias		SÁBADO 2º dos 3 dias		DOMINGO 3º dos 3 dias	
NOITE	DIA	NOITE	DIA	NOITE	DIA
---1---	2---	3---	4---	5-----	6-----
6º Dia da Semana		7º Dia da Semana		1º Dia da Semana	

**Figura**

EXPLICAÇÃO. – Na figura acima, os números significam:

- “1” Assinala a traição, próximo ao início do sexto dia da semana.
- “2” Assinala o julgamento, até a terceira hora da parte clara do mesmo dia.
- “3” Assinala a crucificação, desde a terceira até a nona hora do sexto dia.
- “4” Assinala o sepultamento, entre a nona hora e o fim do dia.
- “5” Assinala o descanso na sepultura durante a noite e o dia do sétimo dia, e a noite do primeiro dia.
- “6” Assinala a ressurreição, cedo no primeiro dia da semana. Mar. 16:9.

Quando Cristo disse aos chefes dos sacerdotes e capitães do templo que tinham vindo para levá-lo, “ESTA É A VOSSA HORA E O PODER DAS TREVAS” (Lucas 22:52, 53), Ele separou um período peculiar de Sua experiência durante a qual esteve nas mãos dos homens. Este foi o momento em que esteve “no coração da terra”. Tudo começou com a traição, no início do sexto dia, e terminou com a ressurreição, na manhã do primeiro dia da semana. Assim será visto que tudo esteve em estrita conformidade com a forma

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

judaica de contagem de tempo, como em Gên. 42:17, 18; 2 Crô. 10:5, 12; Ester 4:16, 5:1; e com o modo em que tanto Cristo e Paulo consideraram ser o terceiro dia (Luc. 13:31, 32, Atos 27:18, 19), e com as repetidas declarações de Cristo de que ao terceiro dia depois de Sua traição nas mãos dos homens, seguido pelo Seu sofrimento e morte, Ele se levantaria novamente dentre os mortos.

Tem sido agora mostrado, em oposição à teoria de setenta e duas horas, que a expressão "três dias e três noites" não significa necessariamente setenta e duas horas, e que a expressão "no coração da terra", não significa o túmulo. O principal texto de prova, portanto (Mat. 12:40), invocado para provar que Cristo foi crucificado quarta-feira e ressuscitou no sábado, é totalmente falho, em todos os sentidos, para sustentar essa proposição.

Também foi demonstrado que a expressão "no coração da terra" é utilizada nesse texto em sentido figurado, sendo a aplicação mais natural considerá-la como simplesmente denotando o domínio de homens maus, sob que Cristo foi uma vez submetido, a começar por Sua traição, quinta-feira à noite, e terminando com aquela hora auspiciosa quando os guardas que O estavam vigiando no túmulo foram derrubados ao chão ficando como mortos pelo poder da Sua ressurreição, na manhã do primeiro dia da semana.

O tempo abrangido por esta aplicação alcança o meio do terceiro dia (usando a palavra "dia" aqui no seu sentido mais amplo) desde o momento em que essas coisas começaram a acontecer; ou, dividindo o tempo em suas partes escuras e claras, nos dá nos dois dias e três noites plenas, até a crescente luz do alvorecer do terceiro dia, resolvendo completamente a questão segundo o modo pelo qual os hebreus contavam o tempo, de acordo com os exemplos que nos são fornecidos nas Escrituras. Veja novamente o diagrama anterior.

Resta agora considerar o testemunho direto dos evangelistas sobre esses pontos. Alega-se que Mat.28:1 afirma positivamente que Cristo ressuscitou no sábado. A versão comum reza: "No fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana". O grego diz: "*opse de sabbaton te epiphoskouse eis mian sabbaton*".

A Versão Revisada diz: "Agora, tarde no dia de sábado, já despontando o primeiro dia da semana". A narrativa subsequente

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

afirma que Maria Madalena e a outra Maria, chegando nesse momento ao sepulcro, viram que o Senhor tinha ressurgido, e se esta visita foi feita antes do fim do sábado, é claro que a ressurreição de Cristo ocorreu no mesmo dia.

O argumento neste ponto é carregado sobre a pequena palavra grega "opse". Isto, alega-se, sempre significa "tarde", e nunca, "depois", portanto, a passagem não pode significar "depois do sábado". Assim, o Sr. Wardner, em seu tratado a que foi feita referência, diz na pág. 7: - "Mat. 28: 1, diz: 'Tarde no dia de sábado, Ele foi ressuscitado'. Aqui o termo grego 'opse' é usado para representar os momentos finais do sábado. Literalmente, significa 'tarde', e quando usado com 'hemera' (dia) significa tarde no dia. Ver Liddell e Scott. 'Opse' é invariavelmente usado nas Escrituras, para representar 'noite', e 'proi' representa 'manhã', e nunca são usados alternadamente".

Ele, então, refere-se, em prova desta última afirmação, a Mar. 11:19, 20; 13:35, e à Septuaginta de Gên. 24:11; Êxo. 30:7, 8; e Isa. 5:11. Mas nestas referências ele parece ter-se esquecido do fato de que em todos esses casos a construção em que a palavra é usada não é como em Mat. 28:1; e, assim, tentou a façanha nada erudita de determinar o significado de "opse" numa construção por sua definição noutra construção completamente diferente. Mat. 28:1 é peculiar, a palavra está lá usado com o caso genitivo, e nenhuma outra instância do tipo ocorre no Novo Testamento. O Sr. W. percebe isso, e diz: "'opse', com um substantivo no caso genitivo, como em Matt. 28:1, significa sempre no final do período mencionado, e nunca significa 'depois'!"

Para uma declaração tão abrangente, isto é muito positivo, e deveria ter sido respaldado por evidência competente além da simples afirmação do argumentador. Vamos ver o que outros têm a dizer sobre esse ponto.

Robinson, em seu léxico grego do Novo Testamento oferece o seguinte como definição da palavra "opse" quando usada com um genitivo:

"2. Com um genitivo, . . . no final, na conclusão de, após. *Mat.28 : 1, opse de sabbaton*, ... no final do sábado, isto é, depois do sábado, tendo sábado agora terminado, i.q., Mar. 16:1,

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

*diagenomenou tou sabbaton*. Para o genitivo, consulte Buttm., 132, 5. b.”

Em sua nota sobre Mat.28:1, Dr. Clarke diz: -

“No fim do sábado] *‘opse de sabbaton’*. Depois do fim da semana, que é a tradução dada por vários eminentes críticos, e desta forma a palavra “*opse*” é usada pelos autores gregos mais eminentes. Tucídides, liv. iv., cap. 93, *‘tes hemeras opse en’* - o dia estava *terminado*. Plutarco, *‘opse ton basileos chronon’* - após os tempos dos reis. Filóstrato, *‘opse ton Troikon’* - *depois* da guerra de Tróia. Veja Rosenmuller”.

O “Bloomfield’s Greek Testament”, sobre Mat.28:1, diz: -

“*Opse de Sabb.*] Isto deve, com Krebs, Wahl., Tittm., Kuin., E Fritz, ser explicado, ‘depois do sábado’, isto é, como Marcos expressa com mais clareza, *‘diagenomenou tou sabbaton’* [tendo-se passado o sábado], o que deve determinar o sentido aqui. Desta significação os comentaristas aduzem exemplos de Filóstrato, Plutarco, Eliano e Xenofonte”.

Olshausen em Mat.28 : 1 diz: -

“No que respeita primeiro à fixação de datas, a expressão *‘diagenomenou tou sabbaton’* em Marcos (16:1) serve para explicar o *‘opse sabbaton’* em Mateus. Por exemplo, *sabbaton* = [Heb.] *shabbath*, também no plural (*ta sabbata*), foi utilizado para o dia específico de sábado. (Comparar a versão Septuaginta de Êxo. 20:10 e Lev. 23:32). *‘Opse’* é, no entanto, utilizado no sentido de *‘depois’*. Ocorre, na verdade, no Novo Testamento, só aqui, mas também ocorre nesta significação em autores profanos. (Compare Filostrato, Vit. Apoll. iv. 18, *opse musterion* ‘após os mistérios’. Tucid. iv. 93. Elian V. H. ii. 23”.

Essas autoridades todas falam particularmente da utilização de “*opse*” com um genitivo, como em Mat.28:1; e dizem que em tais construções tem o significado de “no final de, *após*”, e se referem a obras de antigos escritores gregos padrão, como Filostrato, Plutarco, Eliano e Xenofonte, como prova de que a palavra pode ser usada em tal sentido. Em vista destes fatos o que acontece com a afirmação do Sr. W. de que “*opse*”, com um substantivo no caso genitivo, como em Mat.28:1, significa sempre tarde no período mencionado, e nunca significa “*depois*”? Será que ele conhece melhor como a língua grega deve ser utilizada do que Plutarco ou Xenofonte?

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

Mas pode-se dizer que Liddell e Scott não dão esta definição para a palavra, e, podemos acrescentar, nem os léxicos de Donnegan e Parkhurst. Mas eles não dizem que não pode ter este significado, e a única conclusão é que, ao darem suas definições, não as tornaram suficientemente amplas para cobrir todos os usos da palavra, uma vez que, na verdade, aparece em escritores gregos. Tanto Greenfield quanto Bagster definem “*opse sabbaton*”, após o fim do sábado. Mat.28:1”. Outra palavra na frase confirma o entendimento de que ela se aplica a um momento em que o sábado era passado. Esta palavra é “*epiphoskouse*”, de “*epiphosko*”, traduzido por “quando começava a amanhecer”. A raiz desta palavra é “*phos*”, que significa “luz”. A luz do sol e a luz do dia, é evidentemente, a ideia definidora contida na palavra. O verbo “*epiphosko*” significa a transição da escuridão para a luz do dia. Aplica-se, por conseguinte, sobretudo à manhã. Liddell e Scott lhe dão esta definição, “crescendo em direção à luz do dia”. Outros lexicógrafos, adicionalmente, atribuem-lhe um sentido tropical, significando o “início” do dia, em qualquer momento que possa ser contado. Os judeus consideravam o dia como começando ao pôr do sol. Daí a palavra é uma vez aplicada ao dia em seu início, como em Luc. 23:54: “Amanhecia o sábado”. E este texto e Mat. 28:1, são os únicos casos em que a palavra é usada no Novo Testamento.

O seu uso em Luc. 23:54 para designar o início do sábado, que começou ao pôr do sol, é facilmente explicado. Como a palavra “dia” é normalmente aplicada à parte clara das 24 horas, e como a palavra “*epiphosko*” significa o início, ou a abertura dessa parte, naturalmente viria a ser utilizada num sentido figurado, do início do dia, no seu sentido mais amplo, se aquele dia começasse ao pôr do sol, como acontece com os judeus, ou à meia-noite, como acontece com os romanos. Mas é claro que o sentido primário deve ser dado sempre que possível. Os teóricos das setenta e duas horas acham que têm uma correta leitura quando traduzem “*opse*” por “tarde”, e lêem: “Na noite de sábado, ao iniciar-se o primeiro dia”. Mas nós tomamos nossa posição algumas horas mais tarde, traduzindo “*opse*” por “depois”, como é o seu sentido quando utilizado, como aqui, com o genitivo, dando a “*epiphoskouse*” a sua significação primária, e então temos, “*Depois do sábado, quando já começava a avançar em direção à luz do dia no primeiro dia da semana*”. Esta é uma leitura menos forçada do que a outra, e concorda com o uso

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

no grego e com os registros dos outros evangelistas, como veremos.

O leitor não deixou de notar o testemunho de Robinson, Bloomfield, e Olshausen; de que o testemunho de Mar. 16:1 é paralelo ao de Mat.28:1, e de que a declaração explícita e definitiva dada por Marcos deve determinar o sentido da passagem de Mateus. Mas Marcos diz diretamente: -

“E, *passado* o sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo. E, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro, de manhã cedo, ao nascer do sol”.

Nossos amigos se esforçam para superar esta passagem afirmando que a visita ao sepulcro registrada por Mateus não foi a mesma da registrada por Marcos. Mateus, dizem, fala de uma visita no final do sábado, e Marcos de uma visita na manhã seguinte, o primeiro dia da semana. Mas todos são obrigados a admitir que os mesmos indivíduos são mencionados em ambos os registros. Assim, Mateus diz que Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.

“E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra da porta, e sentou-se sobre ela”.

Marcos diz que Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago (as mesmas Marias referidas por Mateus), e Salomé, chegaram cedo no primeiro dia da semana com a intenção de ungi-Lo e consultaram entre si quem rolaria a pedra à entrada do sepulcro para elas. Agora, se essa foi uma visita subsequente à registrada em Mateus, temos um tremendo absurdo com que lutar: Precisamos explicar como as duas Marias poderiam ir ao sepulcro antes do encerramento do sábado, no final da tarde do sábado, em plena luz do dia, para encontrar a pedra removida e o sepulcro vazio, encontrando um anjo que lhes diz expressamente, Ele não está aqui, porque já ressuscitou, e lhes diz para irem dar a conhecer isso aos discípulos; e, em seguida, ao retornarem, encontram a Jesus, recebem as Suas boas-vindas, Salve! e seguram-No pelos pés e O adoram, e daí, passando por esta experiência emocionante, voltam estupidamente ao sepulcro na manhã seguinte, com a expectativa de encontrar a Jesus ali para

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

embalsamar O seu corpo, perguntando-se quem iria rolar a pedra para elas!

O Sr. Wardner se esforça para superar esta dificuldade da seguinte singular maneira: Depois de se referir à incredulidade dos discípulos em relação à ressurreição de Cristo, ele diz: -

“Agora, se o testemunho combinado de Pedro e João e os dois irmãos que iam para Emaús, e as manifestações pessoais do próprio Cristo em sua presença, não podiam convencer aqueles apóstolos de que o que viam por si mesmos não era nada além de um espírito, até que Cristo comeu diante deles, não seria estranho que Maria Madalena fosse levada a duvidar por eles da realidade literal do que viu e ouviu em sua primeira visita ao túmulo? Ela provavelmente não tinha mais ideia de que Ele iria ressuscitar dos mortos do que eles, e estaria tão inclinada a crer em manifestações espirituais e visões quanto eles, e quando todos unidos na aferição da realidade do que ela relatou insistiam ser simplesmente uma visão, ela seria naturalmente induzida a duvidar de seus próprios sentidos, como eles duvidaram dos deles, daí sua visita ao túmulo, na manhã seguinte, enquanto ainda escuro (João 20:1), para confirmar para si mesma se era ou não um realidade”.

Agora, opinamos que essa explicação é um pouco dura para com essas boas mulheres. Se alguns dos seus irmãos foram “néscios, e tardos de coração para crer”, não é razão para que o mesmo estado de espírito deva ser atribuído às irmãs. E não há uma mínima pista em todo o registro *de que qualquer das mulheres tenha desacreditado*, após O terem visto, ou após o fato da Ressurreição ter-lhes sido anunciado. Nem os irmãos desacreditaram depois de O terem visto. Foi somente antes de terem tido uma oportunidade de resolver o assunto pela evidência de seus próprios sentidos que duvidaram, mas quando O viram (como é reivindicado que as Marias O viram no encerramento do sábado) isso resolveu a questão, e eles então estiveram prontos para exclamar: “Ressuscitou verdadeiramente o Senhor!” Lucas 24:34. Há somente um texto que traz alguma aparência de oposição a essa visão, Lucas 24:41: “E, não o crendo eles ainda por causa da alegria”

Mas isso não implica qualquer descrença estabelecida, apenas que sentiram que o que viam diante de si era, como expressamos

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

no presente, "bom demais para ser verdade". Nessas circunstâncias, representar Maria Madalena como sendo convencida fora de seus próprios sentidos, ou como tendo sido persuadida a crer que Deus (ou o diabo, quem seria?) lhe tinha dado uma manifestação de um espírito, apresentando-lhe o que não era verdade, e, por força disso, tendo ela dito aos irmãos uma mentira, que o Senhor tinha ressuscitado quando Ele não tinha -- é demasiado absurdo para se dar o mínimo crédito.

## 6. DOIS OUTROS ABSURDOS

Dois outros absurdos estão envolvidos na visão de que a narrativa de Mateus 28 antecede a dos outros evangelistas, ele gravando o que aconteceu no fim do sábado, e eles, o que ocorreu na manhã seguinte. Estes absurdos são, -

1. Quando Jesus ressuscitou, alguns da guarda imediatamente se dirigiram depressa aos principais sacerdotes e lhes disseram o que havia ocorrido. Mat.28:11. Os sacerdotes aconselharam-nos a explicar a ausência de Jesus do sepulcro (descoberto pela primeira vez no fim do dia, sábado, lembrem-se), dizendo que os discípulos vieram de noite e o furtaram enquanto dormiam. O versículo 13. "Vieram *de noite*". Isso deve ter sido, então, a noite anterior, e eles estavam, então, dormindo, e não tinham acordado o suficiente para descobrir que o corpo tinha desaparecido até o fim do dia seguinte! Não admira que estivessem com medo de que suas cabeças seriam cortadas por causa dessa história! Uma exposição que envolva a narrativa com tal absurdo nunca vai responder.

2. De acordo com esta exposição, as duas Marias (das quais Maria Madalena era uma) encontraram o Salvador ressuscitado no fim do sábado, e abraçam-lhe os pés e O adoram. Mat. 28:9. Mas Maria Madalena, de acordo com João (20:1-17), encontrou o Salvador na manhã do primeiro dia da semana, e ao estar ela prestes a adorá-Lo, Ele lhe disse: "Não me detenhas, porque Eu ainda não subi para o Meu Pai". Agora é absurdo supor que Ele iria permitir que ela, no fim do sábado (como é afirmado que Mateus declara), O retivesse pelos pés e O adorasse, e ainda na manhã seguinte, como João testifica, Se recusa a permitir que ela o detivesse, porque ainda não tinha subido ao Pai.

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

A linguagem empregada por Mateus no verso 1 está inteiramente em harmonia com a ideia de que o sábado estava totalmente passado, quando os eventos que ele registra ocorreram, e pelo menos algumas das circunstâncias eram de tal caráter que se faz absolutamente absurdo supor que poderiam ter acontecido antes do fim do sábado.

Mas alega-se que o registro de Mateus não concorda com o dos outros evangelistas, em que transmite uma série de informações que eles não mencionam, e, conseqüentemente, ele refere-se a uma visita diferente ao sepulcro, em relação ao que os outros registram.

Isso, porém, não é justificativa de modo algum. Várias testemunhas podem descrever a mesma cena e nenhuma delas registrar o que os outros mencionam: contudo, não se pode dizer que haja alguma discrepância ou desacordo entre eles, a não ser que o que um diz torne impossível ser verdade o que os outros dizem. Isso é reconhecido como um princípio legítimo em harmonizar os registros dos evangelistas. Um escritor pode mencionar detalhes não mencionados pelo outro; mas isso não desacredita o seu próprio testemunho, nem prova que o outro é inverídico. Assim, Mateus (cap. 28:1) diz que as duas Marias foram ao sepulcro. Marcos (cap. 16:1) diz que Salomé estava com eles. Mas o fato de Mateus não ter sentido adequado mencionar o seu nome não prova que ela não pudesse ter estado lá no momento de que trata, e, portanto, não prova que Mateus estivesse se referindo a uma ocasião diferente da registrada por Marcos.

Assim Mateus fala do terremoto que teve lugar antes de as Marias chegarem ao sepulcro, da descida do anjo, da prostração dos soldados que guardavam o túmulo, do seu relatório aos sacerdotes, e da história que estes últimos inventaram para tentar encobrir a verdade. Não há, porém, nada nos registros dos outros evangelistas para mostrar que qualquer uma ou todas essas coisas não poderiam ter acontecido em estreita ligação com o que eles relatam, quando simplesmente escolheram dar enfoque a outros pormenores. Nada mais precisa ser dito sobre esta questão.

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

Chegamos agora ao que oferecemos como testemunho positivo de que Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana. É o testemunho de Marcos 16:9: -

“E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios”.

Sobre este ponto, o Sr. Wardner observa: -

“Marcos 16:9 é citado para provar que Cristo ressuscitou no primeiro dia de manhã, mas ele não diz tal coisa. Ele diz que Cristo *‘tendo ressuscitado’* naquela ocasião sem detalhar quando teria ressuscitado”.

Supomos que ele está ciente de que a palavra “ressuscitado” é simplesmente o segundo particípio aoristo, e caberia a tradução, “Ora, tendo Jesus ressuscitado”, em vez de “E quando *foi* Jesus ressuscitado”. Sua posição aqui nos lembra a dos dominguistas em Atos 20:7. Esse texto diz: “E no primeiro dia da semana, *ajuntando-se* os discípulos para partir o pão”, etc. Aqui, alega o observador do domingo, a expressão: “*ajuntando-se*” denotaria ação repetida e habitual. Mas, respondemos, o grego tem simplesmente o substantivo e o seu particípio - “os discípulos tendo-se reunido” - o que expressa somente um encontro incidental.

A construção de Marcos 16:9 é semelhante; e se a lemos: “Ora, Jesus tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana”, dificilmente parecerá haver qualquer espaço para questionar o sentido da passagem. Essa é a leitura; e tal cremos ser a intenção clara da passagem, ou seja, declarar explicitamente que Jesus ressuscitou no primeiro dia da semana; e nenhuma crítica que tenhamos visto parece ser suficiente para derrubá-la. Meyer, com certeza, se esforça para descartar a passagem, tornando-a apócrifa. Ele argumenta que a última parte de Marcos 16, começando com o versículo 9, é uma interpolação por qualquer outra pessoa, e não foi escrita por Marcos. Isso, contudo, está suficientemente refutado por Lange, sob a autoridade da grande maioria de críticos eminentes que consideram esta parte do Evangelho de Marcos tão verdadeira como qualquer outra parte do mesmo.

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

No que diz respeito à construção do versículo 9, Meyer declara que é impossível dizer se o advérbio “*proi*” (primeiramente) qualifica o particípio “*anastas*” (tendo se levantado) ou o verbo “*ephane*” (apareceu), como encontrado na sentença. “*Apareceu primeiramente a Maria Madalena*”. Sendo assim, e admitindo a construção de *qualquer* das aplicações, somos levados de volta ao sentido de toda a passagem para determinar qual é. O advérbio certamente qualifica uma dessas palavras e não as qualifica ambas. Devemos dar-lhe a aplicação que torne a declaração do apóstolo mais coerente e razoável; e essa será a correta.

Temos, então, diante de nós sobre este ponto duas posições: uma classe sustenta que o advérbio qualifica “apareceu”, e leriam a passagem assim: “E Jesus, tendo ressuscitado [em algum momento no passado], apareceu cedo no primeiro dia da semana a Maria Madalena em primeiro lugar”. Esta é a posição daqueles que negam que Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana. Assim, o Sr. Wardner diz: -

“A declaração de Marcos é explicada pelo que João diz (cap. 20:1-18), descrevendo uma segunda visita de Maria Madalena, pela manhã, enquanto ainda escuro, a quem Cristo apareceu de novo, antes que isso se desse para qualquer outra pessoa naquele dia”.

A outra posição é de que o advérbio “cedo” qualifica o particípio “tendo ressuscitado”; e aqueles que têm essa visão leriam a passagem substancialmente como consta da nossa versão comum, “Ora, Jesus tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana”, não apenas em primeiro lugar nessa parte inicial do primeiro dia da semana, mas em primeiro lugar depois de Sua ressurreição, ou seja, ressurgiu cedo no primeiro dia da semana, e primeiro revelou-Se, após a ressurreição, a Maria Madalena.

Agora qual destas é a visão mais coerente? A resposta a esta pergunta estamos dispostos a deixar ao julgamento sincero de qualquer leitor que dedique ao assunto um pouco de cuidadosa reflexão. Podemos facilmente ver que alguma importância se atribui ao fato da primeira aparição de Cristo, e que há alguma razão por que deve ser expressamente revelado a quem Ele apareceu por primeira vez. Mas onde há a menor sombra de razão para ser declarado a quem Ele apareceu pela primeira vez em

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

alguma parte específica do dia, como a primeira parte do primeiro dia da semana, especialmente ante a alegação de que já tinha aparecido ao mesmo grupo na noite anterior! Se for uma questão tão importante dizer a quem Ele apareceu pela primeira vez, sobre as diferentes divisões do dia, por que o registro não declara a quem Ele apareceu pela primeira vez, na terceira ou sexta ou nona hora do dia? Seria tão importante saber desses fatos, como do que, alega-se, é tão particularmente revelado. Somos direcionados a João 20, na explicação de Marcos 16:9. Mas vejamos como o registro de João se comparará com a interpretação dada a Mateus 28 pelos teóricos das setenta e duas horas. João diz que Maria Madalena foi cedo, no primeiro dia da semana, ao sepulcro, e viu que a pedra tinha sido removida. Ela apressou-se de volta para Pedro e João, e lhes disse: "Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram". Esta é, evidentemente, a primeira informação que Pedro e João, ou qualquer dos discípulos tinham tido sobre o assunto. Então Pedro e João correram ao sepulcro. Mas ela, alega-se, havia ido até o sepulcro na noite anterior (de acordo com o relato de Mateus), e encontrara a pedra removida, tendo visto um anjo que lhe disse claramente que o Senhor tinha ressuscitado, e, em seguida, encontrou-se com o próprio Jesus e O reconheceu, e abraçou-Lhe os pés e O adorou, sabendo, claro, que ele era o Senhor, e contudo, indo ao sepulcro na manhã seguinte, e vendo que a pedra fora tirada, corre e relata que alguém tinha roubado o Senhor do sepulcro, não se sabendo onde O puseram! O Sr. Wardner afirma, como antes observado, que Maria Madalena foi ao sepulcro no primeiro dia de manhã, com a expectativa de encontrar a Cristo lá porque os discípulos tinham-na convencido a abandonar seus próprios sentidos com respeito a sua visita ao sepulcro e sua entrevista com o anjo e Cristo na noite anterior. Mas parece que a partir deste registro em João ela, estranhamente, não havia dito nenhuma palavra aos discípulos sobre as maravilhosas cenas da noite anterior, e o primeiro anúncio que lhes fez, quando viu que a pedra fora removida na manhã seguinte, foi que alguém tinha roubado o Senhor do sepulcro!

Então, ela não tinha sido convencida quanto ao assunto, e devemos atribuir sua conduta singular a seu próprio alheamento. É estranho que ela se esquecesse que havia visto a pedra removida na noite anterior; tinha visto e conversado com um anjo; tinha encontrado o Salvador e abraçado os Seus pés e *O adorado!* Se isto é assim, embora Cristo tivesse expulsado sete demônios dela,

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

havia ainda outra situação - um notável surto de esquecimento! Mas não vamos difamar a qualidade de memória da dedicada Maria com tal suposição improvável. O registro em João 20 está de fato de acordo com Marcos 16:9. Isso mostra que Maria Madalena não O tinha visto antes do primeiro dia da semana, e que foi a primeira pessoa que O viu; e na primeira revelação Ele não permitiria que ninguém O tocasse porque não havia então subido ao Seu pai. Mas, em Sua então retomada, exaltada, natureza imortal poderia ir e voltar mais rapidamente do que os anjos, cujos movimentos pareceram ao profeta como os de um relâmpago (Eze. 1:14), e podemos supor que Ele subiu ao Seu pai para receber aprovação do Seu sacrifício, e quase imediatamente Se fez de novo presente sobre a Terra para receber a adoração das mulheres (Mat.28:9), que agora podiam aproximar-se Dele livremente, mostrar-Se a todos os outros discípulos e falar com eles mais completamente "das coisas concernentes ao reino de Deus". Atos 1:3. E ao recuarmos na imaginação àquela manhã do primeiro dia e considerar que manhã foi para eles de múltiplas maravilhas e gratas surpresas; como devem ter ido muitas vezes para trás e para frente, individualmente e em grupos, ao sepulcro e repetindo e reiterando uns aos outros o relato maravilhoso, enquanto mal podiam acreditar em seus próprios sentidos, - é fácil dar conta de tudo o que todos os evangelistas escreveram, e encontrar lugar para tudo o que eles, individual e coletivamente, descreveram, e ainda mais. E é certo que Marcos declara que o surgimento de Jesus do túmulo foi cedo no primeiro dia da semana. Qualquer outra construção prejudica o sentido da narrativa.

Algumas outras declarações exigem uma palavra de aviso nesta questão. João, no capítulo 19:31, diz: "Os judeus, pois, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação (pois era grande o dia de sábado), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados".

Disso aprendemos que o dia seguinte àquele em que o Salvador morreu era um sábado, e um "grande dia", (Gr. *megale hemera*). Aqueles que situam a crucificação de Cristo na quarta-feira fazem com que esse sábado caia na quinta-feira e tratam exclusivamente do sábado de Páscoa. Mas não havia nada ligado somente com qualquer sábado de Páscoa para qualificá-lo com essa designação. Entre os sábados anuais, o dia da expiação era o dia de destaque, não a Páscoa.

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

Mas se o sábado de Páscoa e o sábado semanal vieram juntos no mesmo dia, esse fato traria todas as cerimônias de sábado de Páscoa, e os sacrifícios extras e serviços do sábado semanal juntos, o dia seria um grande dia. Sob nenhuma outra suposição do que essa eles viriam assim juntos nessa ocasião. Tal expressão pode ser justificada. Isto faria com que sexta-feira fosse o dia da crucificação, e o dia seguinte, isto é, o sábado semanal, ser o sábado da Páscoa também.

O dia da crucificação é em vários ocasiões chamados o dia da "preparação", e, geralmente, a "preparação do sábado". Lucas 23:54: "E era o dia da preparação, e amanhecia o sábado". As mulheres em seguida viram a forma como o corpo foi colocado, e (verso 56) "prepararam especiarias e unguentos; e no sábado repousaram, conforme o mandamento".

Qual sábado? - Evidentemente, o que se seguiu à "preparação" no versículo 54, e que estava se aproximando quando eles baixaram o Salvador da cruz. Agora, se aplicarmos isso para o sábado da Páscoa devemos renunciar ao versículo 56 como se aplicando ao sábado semanal, que é um dos melhores textos para comprovar a perpetuidade do quarto mandamento em todo o Novo Testamento. É surpreendente que um observador do sábado esteja disposto a desistir deste texto.

Marcos 15:42: "E, chegada a tarde, porquanto era o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado". Este deve ser o sábado semanal, pois o sábado da Páscoa certamente não iria ser referido nessa forma independente. É opinião de bons críticos que o termo "preparação" não se aplica a qualquer festa de sábado, mas só ao sábado semanal.

Assim Andrews ("Life of Our Lord", p 452) diz: -

"Mas a principal razão que fazia necessário um tempo de preparação para o sábado semanal era que naquele dia nenhum alimento podia ser preparado, enquanto isso era permitido quanto a um sábado de festa. Nem em qualquer tempo na história judaica este último aparece como igual ao anterior em santidade e dignidade. Todo o trabalho, menos o trabalho servil, era então legal. Não parece, portanto, haver qualquer razão para que todos

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

os sábados de festa tivessem o seu dia de preparação, nem há qualquer prova do fato”.

Na página 453, acrescenta: -

“Assim chegamos ao resultado de que o termo ‘preparação’, ‘*paraskeue*’, nunca é aplicado, tanto quanto sabemos, a qualquer dia que precede a uma festa, mas é aplicado pelos evangelistas, por Josefo e pelos rabinos, para a véspera do sábado. Ocorrendo semanalmente, isso facilmente se tornaria a designação costumeira do sexto dia, e equivalente ao seu nome próprio, ou à nossa sexta-feira”. João uma vez usa a palavra “preparação” em conexão com a Páscoa. Assim, no capítulo 19:14, ele diz: “E era a preparação da páscoa, e cerca da hora sexta, e disse aos judeus: ‘Eis o vosso rei’”. Uma expressão como esta é facilmente entendida a partir do fato de que eles, no décimo quarto dia do mês, preparavam o cordeiro pascal, e assim encontramos a expressão, “preparar a páscoa”, várias vezes utilizada. Mas isso evidentemente faz referência somente à preparação do cordeiro para ser comido à noite, e é uma coisa muito diferente de separar um dia para ser chamado de “dia da preparação”, com referência a um descanso e santa convocação a ocorrer no dia seguinte. Sobre este ponto, citamos novamente de Andrews, p. 453: -

“Insiste-se que a natureza dessa preparação é expressamente definida pela adição, ‘da Páscoa’”, e não pode, portanto, referir-se ao sábado semanal. Mas se ‘*paraskeue*’ é usado como equivalente da sexta-feira, seria simplesmente para dizer que essa foi a sexta-feira da Páscoa, ou o dia da preparação para o sábado que ocorreu durante a semana pascal” .

Esta é certamente uma explicação razoável, e, tomada neste sentido, a expressão “preparação da páscoa” não teria sido usada, não se desse o caso de que o descanso daquela Páscoa caía num sábado semanal. Assim, a evidência ainda é boa de que o dia da crucificação era o dia da preparação, e o dia de preparação era um dia anterior ao sábado semanal.

Mas é objetado que este não poderia ter sido um dia antes do sábado, porque as mulheres não teriam tido tempo para preparar as suas especiarias e unguentos (Lucas 23:56) entre a morte de Cristo e o fim do dia. Vamos ver. Era pouco depois da hora nona quando Jesus clamou com grande voz: “Pai, nas tuas mãos entrego

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

o Meu espírito”, e inclinando a cabeça, expirou. Lucas 23:44-46. Isto seria cerca de três horas da tarde. Entre essa ocasião e o pôr do sol elas tiveram quase três horas, e a cidade, onde todos os artigos necessários podiam ser adquiridos, estava próxima à mão. Isso parece conceder tempo suficiente para o que tinham que fazer, e isso parecerá ainda mais evidente quando se considera o que os outros fizeram:

1. Depois que Jesus foi morto José entrou na cidade, encontrou Pilatos em seu palácio e obteve licença para cuidar do corpo de Jesus. João 19:38.

2. Nicodemos veio com uma mistura de aloés e mirra de cerca de cem arratéis de peso. Versículo 39. Onde ele conseguiu isso? Ele certamente não levaria essa quantidade consigo para toda parte.

Deve ter ido para a cidade, depois que Jesus expirou, e comprou essas especiarias, e voltado para a cruz, e isso também antes de o corpo ser baixado. João 19:39,40. 3. Depois que José obteve permissão para assumir o comando do corpo, ele comprou o linho fino em que o corpo seria envolto para o túmulo. Marcos 15:46.

Agora, se esses homens nobres tiveram tempo, como o registro deixa claro, por irem para a cidade e fazer essas compras, e devidamente vestirem o corpo no linho com a mirra e aloés, as mulheres tiveram tempo também para comprar e preparar as especiarias e unguentos que pretendiam depois de usar. Mas se elas não tiveram tempo para concluir o trabalho antes do sábado, ainda haveria tempo à noite após o sábado, para fazerem as compras adicionais, e para terminar os preparativos. E o registro em Marcos indicaria que apesar de terem preparado especiarias, etc., antes do sábado, como Lucas (cap. 23:56) declara, elas ainda fizeram outras compras, após o sábado, pois ele diz: “E, passado o sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram [no grego, 1º. aoristo, passado simples, *comprado*, não *tinham comprado*] aromas para irem ungi-lo”. Isso foi antes de qualquer uma ter ido ao sepulcro, mas tendo completado seus preparativos bem cedo na manhã seguinte, repararam o sepulcro levando as especiarias com eles. Lucas 24:1. Assim, esta objeção à visão de que Jesus foi crucificado na sexta-feira desaparece.

## 7. ARGUMENTO DOS TIPOS

Há mais uma linha de argumentação, o que é absolutamente conclusiva em favor da visão de que Cristo foi crucificado na sexta-feira e ressuscitou no primeiro dia da semana; e se trata do argumento dos tipos. Cristo era o antítipo do cordeiro pascal. "Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós". 1 Cor. 5:7. O cordeiro devia sempre ser morto no 14º. dia do mês, "à tarde" (Êxo. 12:6, margem), ou seja, entre as 3 horas e o pôr do sol. (Ver *Robinson's Greek Lexicon*, em "opsia"). Então Cristo expirou no prazo legal, no 14º. dia do mês, um pouco depois das 3 da tarde. A Páscoa que Ele comeu com os discípulos na noite anterior foi por antecipação. Sabemos que o dia em que morreu era o verdadeiro tempo para matar o cordeiro pascal, ou Ele não poderia ter sido um verdadeiro antítipo. No dia seguinte, isto é, o 15º. dia, era o primeiro sábado de Páscoa. Lev. 23:6. E no dia seguinte após esse sábado de Páscoa, o molho das primícias era movido perante o Senhor. Lev. 23:11,15.

Em prova de que "o dia depois do sábado" (Lev. 23:15) era o 16º; do mês, e que o dia anterior, isto é o 15º., o sábado da Páscoa, é o sábado referido, apresentamos o seguinte do *Smith's Bible Dictionary*, editado por S. W. Barnum. Em "Passover [Páscoa]", ele diz: -

"No 15º. dia, tendo se passado a noite, havia uma santa convocação, e durante esse dia nenhum trabalho podia ser feito, a não ser a preparação de alimentos necessários (Êxo. 12:16) ... No 16º. dia do mês, "o dia depois do sábado" (ou seja, após o dia de santa convocação), o primeiro feixe da colheita era oferecido e movido pelo sacerdote diante do Senhor".

Em "Pentecost", ele diz : -

"Pentecostes (fr. Gr . Pentecoste = o quinquagésimo dia a partir do segundo dia da festa dos pães sem fermento, ou a Páscoa) .... 1. O tempo do festival era calculado a partir do segundo dia da Páscoa, o 16º. dia de Nisã. A lei estabelecia que um acerto de contas devia ser mantido a partir do 'dia depois do sábado' para o dia seguinte, após a conclusão da sétima semana, o que, logicamente, seria o quinquagésimo dia (Lev. 23:11,15,16; Deut. 16:9)".

## O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus

Sobre a expressão "dia depois do sábado", tal como consta na citação anterior, ele tem esta nota: -

"Admite-se geralmente que o 'sábado' aqui = primeiro dia da santa convocação da Páscoa, dia 15 de Nisã mencionado em Lev.23:7 (compare com versos 24, 32, 39). Alguns fizeram o 'sábado' aqui = o sétimo dia da semana, ou o sábado da criação, como os escritores judeus o têm chamado; e assim o dia de Pentecostes sempre caía no primeiro dia da semana. Mas Bahr prova por Jos. 5:11 e Lev.23:14 que o omer era oferecida no dia 16 de Nisã".

*Bagster's Greek Lexicon*, em "Pentecoste", diz: -

"Uma das três grandes festas judaicas, assim chamadas porque era celebrada no quinquagésimo dia, contando a partir do segundo dia da festa dos pães ázimos, ou seja, a partir do 16º. de Nisã".

Andrews ("Life of Our Lord", p 434), diz: -

"As cerimônias do segundo dia da festa, o 16º de Nisã, eram peculiares, e importante de serem observadas. Neste dia, os primeiros frutos da colheita da cevada eram trazidos para o templo, e movidos por um sacerdote perante o Senhor para consagrar a colheita, e até isso ser feito, ninguém podia começar a sua colheita. Lev. 23:10-12".

Testemunhos semelhantes podem ser grandemente multiplicados, mas estas citações são suficientes. Que o leitor observe a ordem desses eventos: 1. O cordeiro pascal era morto no 14º. dia do mês; 2. O 15º dia era sábado de Páscoa; 3. No 16º. dia, o dia depois que sábado, o molho das primícias era movido perante o Senhor. Agora, como o cordeiro pascal tipificava a morte de Cristo, o molho movido tipificava a Sua ressurreição.

Paulo não só chama Cristo de nossa "páscoa" como também O chama de nossas "primícias": "Pois como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados. Mas cada um por sua ordem: Cristo, as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda" 1 Cor. 15:22, 23". "Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo Ele as primícias de que dormem". Verso

## **O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus**

20. E no cumprimento desse tipo, Cristo deve seguir a mesma ordem nas mesmas datas. Assim, Ele foi morto no 14<sup>o</sup>. dia do mês, que naquele ano caiu na sexta-feira. No dia seguinte, o 15<sup>o</sup> dia, foi o sábado da Páscoa, e por acaso naquele ano calhou de ser o sábado semanal também. No dia seguinte após o sábado, o 16<sup>o</sup>. dia, o que aconteceu naquele ano é ter caído no primeiro dia da semana, quando Ele foi ressuscitado dentre os mortos em cumprimento do tipo do molho-movido. Havia apenas um dia completo, o 15<sup>o</sup>. de Nisã, entre a morte do cordeiro no 14<sup>o</sup>. Dia, e o molho movido no 16<sup>o</sup>. dia.

Portanto, só poderia ter havido um dia completo entre a morte de Cristo na cruz e Sua ressurreição. Quem quer que coloque mais do que isso despedaça todo o sistema típico em fragmentos tornando-o uma falha. Mas o fato de que Cristo foi crucificado no 14<sup>o</sup>. dia e se ergueu dos mortos no 16<sup>o</sup> dia não prejudica a declaração de que estaria "três dias e três noites no seio da terra"; pois essa expressão inclui, como vimos, mais do que simplesmente o tempo que Ele esteve no túmulo: alcança da Sua traição à Sua ressurreição, e entre esses pontos ocorre todo o tempo necessário para cumprir a previsão. (Veja novamente o diagrama na pág. 14).

Com o entendimento aqui apresentado, ou seja, que Cristo foi traído na noite seguinte ao 13<sup>o</sup>. dia de Nisã, foi crucificado na sexta-feira, o 14<sup>o</sup>. dia, expirou e foi sepultado entre 3 da tarde e pôr do sol daquele dia, esteve no túmulo no 15<sup>o</sup>. dia, e ressuscitou na manhã do primeiro dia da semana, o 16<sup>o</sup>. dia, - com este ponto de vista, podemos dizer que há a mais perfeita harmonia entre o tipo e o antítipo, previsão e cumprimento, as palavras de Cristo e as palavras de Seus discípulos, e o testemunho de todos os evangelistas por toda o relato.

Não há uma falha, falácia, fraqueza, ou discrepância por todo o argumento. E o recomendamos a todos os que podem ter experimentado alguma perplexidade sobre este assunto, como algo sobre que podem descansar com toda a segurança que é nascida da demonstração. -

Urias Smith

## **O Dia da Crucificação e Ressurreição de Jesus**

Autor: Urias Smith

Reproduzido de [www.acts321.org](http://www.acts321.org)

Traduzido e Diagramado por: Adventistas Históricos

Versão do Documento: Novembro de 2013

Site: [www.adventistas-historicos.com](http://www.adventistas-historicos.com)

E-mail: [contato@adventistas-historicos.com](mailto:contato@adventistas-historicos.com)

